

Modos de ensinar e aprender a ser menina e a ser menino

Ways of teaching and learning how to be a girl and boy

Patrícia Lemos Campos¹
Elenita Pinheiro de Queiroz Silva²

Resumo

A Caderneta de Saúde do Adolescente constitui material de uma das ações de política pública do Ministério da Saúde em parceria com o Ministério da Educação no Brasil voltada para a vida do adolescente. Objetiva apoiar meninos e meninas naquilo que os órgãos oficiais responsáveis por sua produção denominam de *fase de mudanças e descobertas próprias da adolescência*. Neste artigo, parte de uma dissertação, apresentam-se a análise da caderneta, seu efeito na vida dos/as adolescentes e o que eles e elas compreendem sobre sexualidade. A fundamentação teórica pauta-se nos estudos de sexualidade, gênero e educação e na perspectiva de discurso e sexualidade a partir das obras de Michel Foucault. Os resultados indicam que a caderneta reproduz discursos que reafirmam a visão essencializada da sexualidade e do gênero e não considera, em seus textos e imagens, a diversidade sexual e de gênero. Tais discursos são reverberados nas falas dos/as adolescentes participantes da pesquisa.

Palavras-chave: Caderneta de saúde. Gênero. Sexualidade.

Abstract

The Adolescent Health Booklet, one of the sources of this research, was established as one of the public policy actions of the Ministry of Health in partnership with the Ministry of Education in Brazil designed to guide the teenagers' life. The main goal of the booklet is to provide support to boys and girls during the stage in their life that consists of changes and discoveries of adolescence. In this article, which is part of a dissertation, we present an analysis of the booklet, its effect on teenagers' life and what they understand about sexuality. The theoretical foundation is based on studies of sexuality, gender and education and the works of Michel Foucault on discourse and sexuality. The results indicate that the texts and images in the booklet reproduce discourses that reaffirm the essentialized view of sexuality and gender and does not contemplate sexual and gender diversity. The reports of the adolescents who participated in the research corroborate our findings.

Keywords: Health booklet. Gender. Sexuality.

¹ Supervisora Pedagógica, Rede Municipal de Uberlândia, Escola Municipal Odilon Custódio Pereira. R. Chapada da Diamantina, 355, Parque das Seringueiras, 38410-346, Uberlândia, MG, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: PL. CAMPOS. E-mail: <pattylcampos@yahoo.com.br>.

² Professor Doutora, Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Uberlândia, MG, Brasil.

Introdução

Mulheres e homens são construídos culturalmente, e os saberes da ciência, vinculados a várias instâncias, muitas vezes são responsáveis por esse processo. Nesse sentido, Louro (1999, p.25) indica que:

Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente.

Várias instâncias colocam em funcionamento a pedagogia da fabricação de homens e mulheres. Dentre elas podemos citar a escola, a religião, a mídia e, nestas, a Caderneta de Saúde do Adolescente (CS), formulada pelo Ministério da Saúde em parceria com o Ministério da Educação, foco da pesquisa realizada. Essa caderneta apresenta para alunos/as, a partir de textos e imagens, dizeres e discursos acerca do que é ser menino e do que é ser menina; do que é e como pode ser pensada e vivida a adolescência. Ela é dividida em Caderneta de Saúde da Adolescente: Menina (CSMA) e Caderneta de Saúde do Adolescente: Menino (CSMO). Ambas as cadernetas objetivam apoiar meninos e meninas no que é denominado de fase de mudanças e descobertas próprias da adolescência. Nesse sentido, é material integrante de ações de política pública - Programa Saúde na Escola (PSE) -, voltadas para a vida do adolescente com atenção à saúde e à formação para a sexualidade.

O artigo apresenta e discute análises das CS entremeadas com seu efeito e olhares das crianças/adolescentes, participantes da pesquisa, sobre ela e sobre a sexualidade. A pesquisa objetivou identificar de que forma a CS contribui na educação para a sexualidade. Para tanto, defende-se que as cadernetas,

aliadas às práticas escolares, participam da construção dos modos de ser menino e menina, esquadriham as relações de gênero e os marcadores das diferenças e identidades sexuais.

As práticas que permeiam a sexualidade e as relações de gênero na escola são construídas culturalmente e podem manter o padrão heteronormativo ou subvertê-lo. Estudos e publicações como as de Louro (1999, 2008, 2012), Mantovani (2011), Silva (2010), Santos (2008) e Rohden (2008) apontam para os efeitos de produção dos corpos e desvelam como as violências e modos de pensar as sexualidades e os gêneros, na escola e na sociedade, estão atrelados a processos de normalização por meio das disciplinas escolares, das mídias, da produção/apropriação do discurso científico.

Nos estudos sobre sexualidade, destacam-se as clássicas obras de Freud (2006) e Foucault (1988)³ por oferecerem ferramentas teóricas que problematizam e constroem o conceito sexualidade associado, respectivamente, a noções de pulsão e neurose e à noção de dispositivo e história. As pesquisas mais recentes na área defendem a impossibilidade de se pensar a sexualidade, o gênero e a educação escolar desatrelados das articulações entre movimento social, estado e escola, uma vez que o movimento apresenta demandas de enfrentamento dos efeitos produzidos pela disseminação do modelo heteronormativo (Oliveira *et al.*, 2012) e binário de gênero sobre a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT). Esse modelo assegura a heterossexualidade como único comportamento a ser adotado pelas pessoas e aceito como natural. Atrelada à heteronormatividade, tem-se a matriz binária de gênero, afirmada na correspondência sexo biológico-sexualidade-gênero, como demonstram os estudos de Louro (1999, 2008, 2012), entre outros.

O estudo aproximou-se da noção de sexualidade de Foucault (1988), por se compreender que ela possibilita pensar na maneira como o sexo foi

³ A obra de Foucault contempla os três volumes da História da Sexualidade, publicados no Brasil na década de 1980.

colocado, na modernidade, no centro da existência, e como em torno dele estabeleceu-se uma rede discursiva, regimes de verdade e exercícios de poder. Defende-se uma noção de sexualidade tomada também como forma política de executar ordenamentos sobre o corpo.

Os trabalhos de Santos (2008), Silva (2010) e Mantovani (2011) possibilitam olhar para a CS como produção em que proliferam sentidos de gênero, corpo e sexualidade. Santos (2008), em sua pesquisa, apresenta a centralidade do corpo na cultura contemporânea a partir de reportagens veiculadas no *Jornal Folha de São Paulo*. Mantovani (2011), por sua vez, analisa as práticas discursivas que a *Revista Capricho* utiliza na produção dos corpos femininos adolescentes. Em ambos os trabalhos, há o entendimento de que a mídia veicula padrões, visões particulares de corpos, de gênero e de sexualidade. O trabalho de Silva (2010) debruça-se sobre os discursos de corpo veiculados pela disciplina Biologia por meio de suas práticas, textos e materiais didáticos.

As cadernetas analisadas mobilizam determinados sentidos de adolescência, de corpos e de sexualidades, que, por sua vez, reforçam o modelo heteronormativo, como será apresentado nos tópicos a seguir.

Método

Dal'igna (2012, p.199), referindo-se a pesquisas que utilizam textos foucaultianos, afirma que é necessário "[...] problematizar o que é dito e pensado sobre um determinado tema, tanto aquilo que pode ser tomado como falso, errado ou inadequado, quanto e, sobretudo, o que pode ser compreendido como verdadeiro, certo ou adequado".

As pesquisas que seguem a perspectiva assinalada pela autora não se ocupam em oferecer respostas, mas em descrever e problematizar como os saberes e os significados são construídos pelas e em meio às relações de poder. Desse modo, a pesquisa se configurou como descritiva porque objetivou a descrição das características de um grupo de alunos

do ensino fundamental e professores de Ciências de duas escolas públicas (municipais), que receberam a CS no período 2011-2012 (Santos, 1999).

Foram tomadas como fontes a CS e as informações levantadas nos questionários, Grupos Focais (GF) (com alunos/as do ensino fundamental) e entrevistas semiestruturadas direcionadas a professoras de Ciências de duas escolas públicas (municipais), onde se encontrou o maior número de alunos/as que receberam a caderneta. Foram constituídos quatro grupos focais com uma parcela dos/as estudantes daquelas escolas. As entrevistas foram realizadas com três professoras de Ciências e objetivaram conhecer sua opinião a respeito da CS e sua contribuição para o trabalho em sala de aula.

Com os grupos focais, objetivou-se conhecer o efeito da caderneta na vida dos/as alunos/as e identificar seus entendimentos sobre sexualidade. Neste artigo, apresentam-se a análise da caderneta e as informações obtidas a partir dos GF.

Resultados e Discussão

Ao apresentar e distribuir a caderneta entre meninos e meninas, a escola veicula modos de ser e de existir. Entende-se que os sujeitos escolares reagem à caderneta e que esta pode ter efeito sobre os sujeitos que a ela têm acesso. Conhecer os discursos que envolvem o ato de educar é fundamental para reconhecer as marcas culturais e teóricas presentes na formação, de maneira a proporcionar a aquisição de novos saberes e a reformulação de ações.

Destaca-se, nas capas apresentadas na Figura 1, a disposição colorida que, em nossa sociedade, carregam significados e sentidos de gênero construídos culturalmente.

Na capa da CSMA, sobressaem as cores lilás e amarela; na capa da CSMO, as verde e laranja: elas anunciam e denunciam marcas de gênero. As capas apontam para uma visão de adolescente marcada pelas roupas, adereços e objetos representados nas imagens. Na CSMA, há três meninas vestidas com blusinhas *baby look* coloridas, em cores diferentes,

calças jeans, brincos, aparelhos ortodônticos, óculos e cabelos longos. Duas delas portam pulseiras e bolsas escolares. O caderno na mão caracteriza outro marcador: lugar da adolescente é na escola.

A imagem da capa na CSMO apresenta dois meninos com os cabelos curtos, vestidos com camisas de cores diferentes e calças jeans; os dois carregam mochilas nas costas: um deles usa um brinco em uma das orelhas e outro carrega um *skate*. O brinco aponta para uma concepção de homem contemporâneo, vaidoso, preocupado com a aparência.

Os adereços dos/as adolescentes dizem sobre eles, marcando o gênero, as identidades e suas posições no mundo. Ensinam modos de ser e são endereçados a meninos e meninas e inscrevem nos corpos "[...] roupas, aromas, adornos [...] marcas de

identidade e, conseqüentemente, de decodificação" (Louro, 1999, p.15).

Cabe pensar que quando se constrói um padrão do que é ser adolescente, automaticamente cria-se o "diferente". Aquele que não se encaixa no modelo padrão torna-se desviante, anormal. Louro (1999, p.15) argumenta que "[...] tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estritamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade". É fundamental a atenção para com os mecanismos e as tecnologias, como revistas, televisão, livros e a CS, que contribuem para o reforço de padrões a serem seguidos, pois podem reiterar a produção de sujeitos intolerantes e violentos.

As capas das cadernetas foram apresentadas nos GF como elemento motivador para a conversa



Figura 1. Capas das Caderneta de Saúde do/a Adolescente.
Fonte: Brasil (2009a, 2009b).

com os/as adolescentes. Diante delas, eles/elas⁴ apontaram para elementos como preconceito, diferença, distinções de gênero.

Sem preconceito (Juliano, GF, 7º ano)⁵.

Que os meninos praticam esportes (Maik, GF, 7º ano).

E as meninas estudam (Jordana, GF, 7º ano).

Que existem meninas de todos os jeitos, porque uma é branca, outra é negra, outra tem cabelo, outra tem o olho mais puxadinho, uma usa óculos, aparelho, uma é mais gordinha outra mais magrinha, mostrando as diferenças entre as três (Cláudia, GF, 8º e 9º ano).

Os aspectos destacados nas falas são veiculados pela escola, estado, mídias, livros didáticos, discurso da ciência e, como os/as adolescentes apontam, pelas CS, que, de maneira e abordagens distintas, opera discursos e modos de pensar sobre a adolescência e o/a adolescente. Ao se referirem aos adolescentes representados nas capas, eles/as apontam para elementos que, social e culturalmente, produzem os sentidos do que é ser adolescente e do que é a adolescência, e tomam como referência, em sua grande maioria, a perspectiva de gênero.

Cláudia, ao afirmar que “[...] existe meninas de todos os tipos [...]”, indica traços físicos, como cor da pele, tipo de olhos, tipo de corpo, que permitem distinguir as pessoas, ou seja, possibilitam a classificação dos sujeitos, modelo bem consolidado no pensamento moderno e pela educação escolar.

É a Biologia que classifica os seres vivos a partir de suas diferentes características biológicas, e esse conteúdo é ensinado pela escola e apropriado por outras instâncias, que, dentre outras coisas, utilizam esse saber para justificar a discriminação e o preconceito. As discriminações e o preconceito são alvos dos estudos feministas, que desde o século XIX vêm

levantando discussões sobre a violência contra a mulher e buscando desconstruir polaridades fixas dos gêneros, constituídos no interior das relações e práticas sociais que, por sua vez, se constituem como relações de poder (Louro, 2008).

A adolescência é vista como etapa de rebeldia, ousadia, saúde e beleza, tanto pelos/as alunos/as quanto nos textos das cadernetas. Nessa compreensão, muitos discursos estão atravessados: o biológico, o médico, o psicológico e o estético. O que se defende é que não há uma mesma maneira de ser adolescente e viver a adolescência.

Assim, múltiplos discursos foram produzidos sobre o corpo, a criança e o adolescente, que são alvos de inscrição e atuação de dispositivos e mecanismos de controle, disseminados nas instituições e práticas sociais. São mecanismos que, segundo Mantovani (2011), desenvolvem nos sujeitos “personalização”, “preocupação em agradar o outro” no processo de construção de sua identidade.

Apesar de os textos da caderneta abordarem os cuidados com a saúde, o bem-estar físico, psicológico, emocional, espiritual e social, as imagens expostas na Figura 2, a seguir, correlacionam saúde, estética, aparência e beleza.

Santos (2008, p.50) afirma que “a beleza constitui-se a partir de um aparato discursivo [...] que, tramado, assume outras significações, constitui as especificidades que caracterizam o discurso sobre a beleza”. Como sugere o autor, os discursos referentes à beleza estão ligados às questões de consumo, pois para alcançá-la o sujeito é levado ao consumo de medicamentos, produtos e tratamentos.

Nesse sentido, atrelar as noções de saúde, aparência e estética à noção de beleza, sem a devida problematização, torna-se perigoso, já que, em nossa cultura, carrega a incitação ao poder de modificação dos corpos e, ainda, a marginalização dos que fogem

⁴ Os nomes dos/as alunos/as são fictícios, considerando a conduta ética da pesquisa reiterada pelas normas e recomendações do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia. Os extratos das conversas/falas, quando destacados do texto, apresentam formatação distinta e indicam o ano de escolaridade. Os grupos focais foram realizados em setembro/2013. Por opção, as conversas/falas foram transcritas e mantidas como pronunciadas pelos sujeitos. A aprovação da pesquisa tem registro CAAE: 12725413.3.0000.5152.

⁵ Foram constituídos dois grupos com alunos/as do 7º ano e dois grupos com alunos/as do 8º e 9º anos, portanto, as indicações (GF, 7º ano) e (GF, 8º e 9º) dizem respeito ao grupo focal do qual o/a aluno/a participou.

ao padrão. O discurso sobre o corpo e a beleza é político e social, produzido também pelos campos das ciências biológicas, disseminado socialmente – ele atua sobre os corpos e imaginários (Silva, 2010). O conhecimento sobre o corpo, presente na caderneta do/a adolescente, é produzido e legitimado pelo discurso médico, nem sempre desinteressado.

Ao serem apresentadas as imagens da Figura 2, os/as adolescentes não conseguiam, em um primeiro momento, expressar o que pensavam sobre elas, até que Samuel disse: “a vaidade”, cuja afirmação é reiterada pelos/as demais. Perguntou-se nos grupos se era possível relacionar as imagens ao texto da mesma página, que aborda o mundo adolescente. Eles/as responderam que sim, pois, segundo Juliano, “é essencial, porque toda menina e todo menino gosta de se cuidar, na nossa idade é essencial”.

Para eles/as, a beleza está estritamente ligada à adolescência. Indagados se a beleza é preocupação

somente dos jovens, responderam que não; disseram ser de todas as idades, mas argumentaram:

Na nossa idade, a gente faz muito mais do que quando envelhecer, por exemplo (Samuel, GF, 7º ano).

A preocupação dos jovens é com a beleza (Franciele, GF, 8º e 9º ano).

Tipo, adulto se arruma para sair, mas já os idosos não, para que eles vão se arrumar? Eles podem até se arrumar, mais não vai ter um essencial como os adolescentes (Manuela, GF, 7º ano).

Eu acho o seguinte, [...] o adolescente acha que é o único que se preocupa mas com a vaidade mais para beleza e estética, já os mais idosos eu acho que precisa se cuidar mais é para a saúde (Juliano, GF, 7º ano).

No discurso dos/as adolescentes, é possível identificar que a vaidade e a beleza têm uma estreita relação com a aceitação de um grupo sobre o outro. As-



Figura 2. Adolescência.
 Fonte: Brasil (2009a, 2009b).

sim, é possível entender a fala da Manuela, que diz que se o idoso se arrumar “*não vai tero essencial como os adolescentes*”. O essencial é “*fazer parte, ser aceito no grupo*”.

O discurso acerca dos cuidados destinados ao corpo nas respostas dos/as estudantes está relacionado à manutenção da beleza. Essa perspectiva só se modifica quando o sujeito é idoso, como retratado na resposta de Juliano. Ou seja, com Juliano se coloca em debate a relação entre saúde e beleza, como defende a caderneta. Entretanto, o discurso de que, naturalmente, ter juventude significa ser saudável também é reverberado.

As sexualidades e as relações de gênero

O texto das cadernetas, exposto na Figura 3, referente ao tópico sexualidade, traz uma breve e sucinta informação sobre o que é sexualidade,

ressaltando que é mais do que sexo: “é algo que desenvolvemos desde o nascimento e faz parte de nossas vidas em todos os momentos” (Brasil, 2009a, p.41). Discorre sobre os seguintes temas: *Sexualidade; Conhecer, ficar, namorar; E se acontecer; Dupla proteção; Sexo seguro e Projeto de vida*.

Na introdução ao tópico *Conversando sobre sexualidade*, as cadernetas finalizam:

É na adolescência que também se inicia o interesse pelas relações afetivas e sexuais. Por isso, é normal que os adolescentes manipulem o próprio corpo (masturbação) em busca de sensações prazerosas (Brasil, 2009a, p.39, 2009b, p.37).

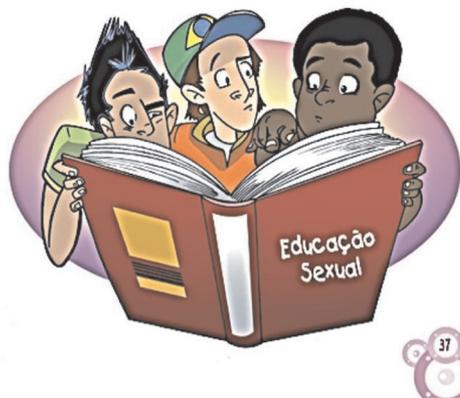
O interesse pelas relações sexuais e afetivas se inicia na adolescência, mas a sexualidade é algo que desenvolvemos desde o nascimento, afirma a cader-

Conversando sobre sexualidade...

A sexualidade é algo que desenvolvemos desde o nascimento e faz parte da nossa vida em todos os momentos. Vivenciamos bem a nossa sexualidade quando nos sentimos com nós mesmos, com os outros e com o mundo.

Sexualidade é muito mais do que sexo. Ela envolve desejos e práticas relacionados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos e ao exercício da liberdade. É ter prazer ao acordar e espreguiçar-se na cama. Abrir a janela e sentir o sol ou o vento sobre a pele. É abraçar, acariciar, beijar carinhosamente as outras pessoas.

É na adolescência que também se inicia o interesse pelas relações afetivas e sexuais. Por isso, é normal que os adolescentes manipulem o próprio corpo (masturbação) em busca de sensações prazerosas.



Sexualidade

Conversando sobre sexualidade...

A sexualidade é algo que desenvolvemos desde o nascimento e faz parte da nossa vida em todos os momentos. Vivenciamos bem a nossa sexualidade quando nos sentimos bem com nós mesmos, com os outros e com o mundo.

Sexualidade é muito mais do que sexo. Ela envolve desejos e práticas relacionados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos e ao exercício da liberdade. É ter prazer ao acordar e espreguiçar-se na cama. Abrir a janela e sentir o sol ou o vento sobre a pele. É abraçar, acariciar, beijar carinhosamente as outras pessoas.

É na adolescência que também se inicia o interesse pelas relações afetivas e sexuais. Por isso, é normal que os adolescentes manipulem o próprio corpo (masturbação) em busca de sensações prazerosas.



Sexualidade

Figura 3. Conversando sobre sexualidade.
Fonte: Brasil (2009a, 2009b).

neta. Acredita-se que as frases utilizadas carregam um conjunto de sentidos e significados produzidos para o que tem sido convencionado a dizer sobre a sexualidade e a expressão sexual. A adolescência, nesse texto, apresenta-se como um marcador temporal de início da vida sexual ou do “interesse pelas relações afetivas e sexuais”. A essas expressões estão associados elementos como relações afetiva e sexual.

Outro ponto a destacar é a afirmação “É na adolescência que também se inicia o interesse pelas relações afetivas e sexuais. Por isso, é normal que os adolescentes manipulem o próprio corpo (masturbação) em busca de sensações prazerosas” (Brasil, 2009a, p.39, 2009b, p.37).

Sabe-se, a partir de Freud (2006), que as crianças manipulam o seu próprio corpo e, com suas teorias, pode-se dizer que o comportamento sexual não está restrito à adolescência e não acontece somente quando se tem interesse sexual por outra pessoa. Novamente, a caderneta expressa o enquadramento dos comportamentos e de determinados modos de relação com o corpo. A visão de que o interesse sexual e/ou a sexualidade manifesta-se a partir da adolescência reitera o estranhamento de pais/mães e educadores/as ao se depararem com experiências de sexualidade de indivíduos fora da faixa da adolescência, como as crianças. No entanto, as condutas e os comportamentos sobre corpos e experiências sexuais de meninos e meninas são, culturalmente, distintos. Há permissões aos meninos (a experiência da masturbação) que nem sempre são concedidas às meninas.

Quando indagados sobre os motivos para diferenciarem meninos de meninas no tocante à sexualidade, Lilia explica que “*meninas se interessam menos por sexualidade, e os meninos se interessam mais*”; Juliano diz ser porque “*é raro ver algum menino que quer namorar, que quer compromisso mesmo, então eu acho que ele procura mais, para não acontecer alguma coisa pior*”. A “coisa pior” à qual se refere Juliano é a gravidez.

Assim eles/as expressam:

As meninas têm mais essa imagem de santinha, essas coisas (Diego, GF, 8º e 9º ano).

Eu acho que os meninos são mais interessados nisso do que as meninas, para ver as imagens, vídeos desse tipo. Eu acho que os homens são mais curiosos, eu acho que as mulheres são de pegar e fazer e ver se é prazeroso, agora os homens não, eles querem ver, acha mulher gostosa, quer isso, quer ver aquilo (Cláudia, GF, 8º e 9º ano).

É, porque tipo assim, as meninas elas não são iguais aos meninos que ficam procurando sobre sexo, essas coisas, sabe? Não fica atrás, vou ver isso, vou ver aquilo, porque eu quero, vou descobrir novas coisas, não é assim, os meninos não sabem [...] Tipo assim, eu quero ver isso, quero conhecer as coisas, sei lá, sentir um prazer maior, quando vê isso; aí eu acho que eles procuram mais, e as meninas não, elas procuram manter um relacionamento e conversar mais (Manuela, GF, 7º ano).

A imagem da Figura 3, à qual os grupos se referem, apresenta garotos lendo um livro cujo título é *Educação Sexual*. Os/as alunos/as afirmaram que os meninos estariam vendo “*imagens, vídeos desse tipo*”, como aponta Cláudia. O *desse tipo* representa imagens de conotação sexual. Assim, as ideias, reforçadas culturalmente, demonstram o apelo ao comportamento recatado da mulher e liberal do homem, a quem tudo é possível em termos de experiências sexuais.

Louro (2012, p.96) relata a urgência em se tratar das questões relativas as identidades sexuais, pois se vive em uma “[...] sociedade que hierarquiza os sujeitos masculinos e femininos, atribuindo-lhes destinos sociais diferentes, desdenhando-lhes perspectivas de vida desiguais [...]”. Desse modo, são construídas as experiências que induzem Cláudia a afirmar *que meninos vivem sua sexualidade de forma diferente das meninas*.

Quando indagados sobre porque consideram que o homem se interessa mais por sexo do que a mulher, explicaram que é por causa dos hormônios. Para eles/as, os meninos teriam mais hormônios do que as meninas; disseram também que como os pais não falam de forma aberta sobre sexo com as meninas, seu interesse não é despertado. O argu-

mento é o de que as meninas são diferentes dos meninos, pois “*não ouvem sobre sexo desde cedo*”, o que na opinião deles/as faz com que as meninas se comportem de forma diferente dos meninos em relação ao sexo.

O discurso farmacêutico e endocrinológico atinge os/as adolescentes e é por eles/as incorporado. Em artigo intitulado “O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos”, Rohden (2008, p.133) aponta para os modos como as diferenças de gênero e sexo são redefinidas por “marcadores tidos como biológicos ou naturais”. Os hormônios sexuais contribuem para a perspectiva dualista no que se refere ao gênero.

A ideia de que os hormônios determinam tudo, até mesmo nossa inteligência e nosso comportamento frente ao sexo oposto, parece ganhar cada vez mais adeptos [...]. Assistimos ao império de um ‘corpo hormonal’ que parece sobrepor-se a qualquer outra concepção biomédica corrente (Rohden, 2008, p.134).

A demarcação do que podem homens e mulheres constitui-se em mecanismo de manutenção de identidades de gênero binária, o que reforça modelos de masculinidades e feminilidades presos a noções, também duais, de natureza e cultura. A constituição do “corpo hormonal” e, novamente, a reverberação de uma visão determinista e essencialista de corpo e gênero são armadilhas discursivas que apreendem os sujeitos. Tais mecanismos e armadilhas foram detectados nas falas dos/as adolescentes participantes da pesquisa e nos textos e imagens da CS.

Contudo, cabe assinalar que as mulheres são alvo principal na teia do discurso hormonal,

[...] as mulheres têm sido o foco mais frequente nos discursos sobre esse corpo hormonal, tanto no âmbito científico quanto na divulgação para leigos. [...] Fenômenos como a tensão pré-menstrual (TPM) ou as transformações percebidas com a menopausa têm sido usados como chaves explicativas para as mais variadas formas

de comportamento e têm alimentado uma grande indústria de tratamento dos ‘problemas femininos’. Além disso, os hormônios estariam na base das diferenças intelectuais entre homens e mulheres, ‘fato’ contra o qual pouco se poderia fazer (Rohden, 2008, p.134).

O corpo feminino é fabricado a partir de afirmações, “chaves explicativas” e colocado em lugar assimétrico na relação com o corpo do homem. No levantamento histórico produzido por Rohden (2008), é apresentado o modo como a produção da Biologia e da Endocrinologia acerca da diferenciação sexual esteve impregnada por concepções sociais hegemônicas de gênero. A autora aponta ainda que, a partir do momento em que cientistas se apropriam de uma perspectiva crítica da ciência por meio das teorias de gênero, abrem “[...] portas, tanto para a investigação da produção científica ‘tradicional’, quanto para o aprofundamento do debate teórico sobre gênero e sobre nossos marcantes dualismos” (Rohden, 2008, p.149).

O homem ou o menino também se constroem junto aos movimentos e instâncias que ditam modos de ser. Nesse sentido, no decorrer da história, várias características foram atribuídas aos gêneros, separando e diferenciando gestos e comportamentos.

A partir das imagens, a caderneta se coloca como uma das tecnologias que participam do processo de construção da menina e do menino, já que reforça uma visão estereotipada de que meninas gostam ou se interessam apenas por hábitos ligados à aparência, beleza e futilidade, enquanto os meninos são ativos, dinâmicos e esportistas. Reafirma ainda condutas e comportamentos sexuais e de expressão da sexualidade numa perspectiva de gênero binária.

Conclusão

As análises possibilitaram pensar sobre as práticas que contribuem para a construção da identidade dos sujeitos. As cadernetas são carregadas de discursos históricos que modificam e possibilitam modos de pensar e de agir dos indivíduos.

A sexualidade, de forma geral, é tratada, nas cadernetas, em uma perspectiva de prevenção às doenças e à gravidez juvenil, pois a maior parte de seu conteúdo é destinada a ensinar comportamentos e atitudes que protejam e favoreçam o desenvolvimento do corpo biológico. Elas não abordam a diversidade sexual e de gênero, uma vez que apresentam textos e imagens enquadrados na visão heteronormativa e na visão binária de gênero.

A homossexualidade, a transexualidade, a travestilidade ou outra experiência de sexualidade sequer são citadas em seu conteúdo: sempre que o tema relacionamento é levantado, há colocações referentes ao modelo heterossexual, tanto nos textos quanto nas imagens. O modelo de casal é sempre composto por menina e menino, o de família é sempre o nuclear: homem/mulher/filhos. Assim, afirma-se que a caderneta reitera o padrão heteronormativo, e, de modo igual, os/as adolescentes também o fazem.

As cadernetas não funcionam para os/as alunos/as como espaço de aprendizagens que apontem para a diversidade sexual, de gênero e afetiva e, assim, não contribui para novas aprendizagens acerca dessas diversidades. Pode-se concluir que a CS não facilita a compreensão da complexidade do conceito de diversidade sexual, pois não possibilita ao sujeito a problematização e a desconstrução de discursos que assinalam possibilidades únicas de existências.

Os discursos presentes nas cadernetas e relatados nas conversas dos grupos dizem respeito à diferença física e de gênero (de modo binário), a marcações socioculturais do masculino e do feminino; ao que é normal e a padrões de saúde, de estética e de beleza; a modos e comportamentos que configuram a adolescência e a juventude; à ciência médica e da saúde em relação a modificações do corpo; à sexualidade restrita à prevenção de doenças e métodos contraceptivos; e às identidades sexuais.

As identidades de gêneros também são bem marcadas, a começar pelas versões das cadernetas: uma para a menina e outra para o menino. Essa organização não foi bem aceita pela maioria dos/as adolescentes, que prefere uma versão única. É possível

concluir que ela mantém o discurso binário e essencialista homem/mulher, normal/anormal, saúde/doença, adolescente/idoso etc.

Por meio das falas dos/as alunos/as e da análise da caderneta, conclui-se que a sexualidade é tratada sob a ótica biomédica, que prioriza a prevenção e os cuidados, centrada na perspectiva heteronormativa. Em seus enunciados e imagens, veicula o discurso de autocuidado que enquadra, disciplina, regula e interdita os corpos e comportamentos dos sujeitos. Os hormônios sexuais, por meio dos ensinamentos sobre a menstruação, ocupam grande espaço na produção e nos ensinamentos sobre modos de ser mulher e sobre a determinação do que é o feminino.

Ressalta-se, ainda, a atenção que deve ser dada às políticas de largo espectro e aos materiais por elas produzidos, como a política representada pelo PSE, que reafirma a visão essencialista que marca as diferenças entre homens e mulheres. Materiais como a CS são distribuídos por meio de dois grandes e importantes ministérios do governo brasileiro que, paradoxalmente, também produzem e incentivam ações e programas de combate à desigualdade de gênero e à homofobia, além de incentivarem os direitos humanos, dentre eles os direitos sexuais e reprodutivos. Torna-se imperativo que educadores/as, pesquisadores/as e participantes de movimentos sociais problematizem o modo como políticas públicas, programas, ações e materiais pedagógicos invisibilizam as fronteiras do gênero e das experiências de sexualidades com discursos que insistentemente reafirmam as dualidades em detrimento do elogio às diferenças.

Referências

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. *Caderneta de saúde da adolescente: menina*. 2009a. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderneta_saude_adolescente_menina.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2009a.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. *Caderneta de saúde do adolescente: menino*. 2009b.

Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderneta_saude_adolescente_menino.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2009b.

Dal'igna, M.C. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo. In: Meyer, D.E. ; Paraiso, M.A. (Org.). *Metodologia de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p.195-217.

Foucault, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 12.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152p.

Freud, S. Três ensaios sobre a sexualidade: 1905. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud: um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v.7. p.119-231.

Louro, G.L. Pedagogias da sexualidade. In: Louro, G.L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.7-34.

Louro, G.L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v.19, n.2, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 fev. 2010.

Louro, G.L. Sexualidade: lições da escola. In: Meyer, D.E.E. et al. (Org.). *Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens*. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.93-102.

Mantovani, F. Ela só quer, só pensa em namorar: considerações iniciais de pesquisa sobre a produções de corpos femininos na revista *Capricho*. *História & Ensino*, v.2, n.17, p.361-381, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/>

revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11246/10014>. Acesso em: 15 Abr. 2013.

Oliveira, A.L.A.R.M. et al. Os estudos sobre gênero e diversidade sexual e as proposições da pedagogia queer para constituição de contextos escolares emancipatórios. *Educação em Questão*, v.44, n.30, p.110-138, 2012. Disponível em: <<http://www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdfs/v44n30.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.

Rohden, F. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História Ciências Saúde-Manguinhos*, v.15, (Supl.), 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000500007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 nov. 2010.

Santos, L.H.S. A última moda é ser bonita por dentro. In: Silva, F.F. (Org.). *Sexualidade e escola: compartilhando saberes e experiências*. 2.ed. Rio Grande do Sul: FURG, 2008. p.44-52.

Santos, A.R. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

Silva, E.P.Q. *A invenção do corpo e seus abalos: diálogos com o ensino de biologia*. 2010. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

Recebido em 17/11/2014, rerepresentado em 10/2/2015 e aprovado em 27/2/2015.

